

Silvia Silva Quintal



CONSTRUINDO UM OLHAR PENSANTE

ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO EM ARTES VISUAIS

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte

Escola de Belas Artes da UFMG

2013

Silvia Silva Quintal

**CONSTRUINDO UM OLHAR PENSANTE
ATRAVÉS DA MEDIAÇÃO EM ARTES VISUAIS**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais com requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Daniela Maura dos Santos

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2013

Quintal, Silvia Silva, 1974-

Construindo um olhar pensante através da mediação em artes visuais: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Silvia Silva Quintal. – 2013. 50 f.

Orientador(a): Daniela Maura dos Santos

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Santos, Daniela Maura dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Construindo um olhar pensante através da mediação em artes visuais*, de autoria de Silvia Silva Quintal, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Daniela Maura dos Santos – EBA/EFMG

Henrique Augusto Nunes Teixeira – Origem

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA - UFMG

Belo Horizonte, 2013

Acima de tudo dedico e agradeço à Deus que é o autor e consumidor da minha fé. Agradeço à minha família que é a base sólida e fundamental da minha formação como ser humano, e, principal incentivo em minha carreira acadêmica e profissional. A minha orientadora Daniela, responsável por guiar e abrir os caminhos para o bom andamento dos estudos. E carinhosamente agradeço aos meus educandos, que a cada dia me apresentam desafios novos, que me instigam a investigar, aprimorar e refletir sobre minha prática profissional enquanto arte educadora.

É o prazer colocado dentro da escola e da sala de aula. Quando eu vou à escola, eu não vou só para aprender, no sentido de reproduzir e de suprir, e sim para ter a satisfação de que aprender é uma atividade prazerosa. Não fácil, mas prazerosa. Porque me dá uma imagem de mim mesmo, que me permite mudar. Permite-me a troca com o outro, permite descobrir-me, descobrir os outros e sentir que eu tenho voz. E que esta voz me faz sentir mais valorizado. Este é o prazer de que eu falo (HERNÁNDEZ, 2002, p.8).

RESUMO

A presente monografia discute sobre as práticas de mediação utilizadas como metodologia de ensino nas aulas de Artes Visuais. Pretende-se com esta pesquisa identificar que métodos são capazes de instigar os educandos nas aulas de Artes no que tange as questões referentes à reflexão, discussão e prática na abordagem de imagens. Serão abordados os conceitos e terminologias acerca do tema mediação sugeridos por Mirian Celeste Martins. Outra reflexão que a pesquisa apresenta é sobre o conceito de problematização do conhecimento através da indagação como método de trabalho tal como sugerido por Fernando Hernández. Por meio da observação propõe-se a reflexão e compreensão de como ocorre o processo de auxílio aos educandos a refletirem sobre as obras de arte, através da problematização por meio de indagações e questionamentos permitindo que através de seus desdobramentos ocorra uma troca de informações e experiências entre o mediador e o educando, ou ainda entre os museus e centros de cultura. Enriquecendo deste modo as experiências em sala de aula de forma que o ambiente escolar ofereça ações educativas transcendentais ao simples ato de processar informações, proporcionando uma aprendizagem significativa, através de um profissional que busque se qualificar para atuar de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem das Artes Visuais.

Palavras-chaves: Arte Educação. Mediação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Apresentando a Arte Postal.....	26
Figura 2 – Confeccção do Cartão Postal.....	28
Figura 3 – Confeccção do Envelope.....	28
Figura 4 – Confeccção do Selo.....	29
Figura 5 – Preenchimento de Dados para o envio.....	31
Figura 6 – Recebimento do Cartão Postal pelo remetente.....	33
Figura 7 – Conhecendo a Arte Postal.....	35
Figura 8 – Aluno confeccionando o Envelope.....	36
Figura 9 – Confeccção da lista de dados.....	37
Figura 10 – Aluno concluindo o trabalho artístico do remetente.....	37
Figura 11 – Aluno confeccionando selos.....	38
Figura 12 – Álbum de selos.....	39
Figura 13 – Aluno desenvolvendo sua criação artística.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
ESTUDOS SOBRE A MEDIAÇÃO; O ENSINO DE ARTE E AS INTERAÇÕES ALUNO-PROFESSOR.....	12
1. A Arte como importante trabalho educativo.....	12
1.1. Breve histórico sobre a educação, o ensino de arte infantil e a Interação professor/aluno.....	13
1.2. O professor como mediador na construção de sujeitos autônomos.....	17
1.2.1. A educação do olhar como recurso de mediação.....	20
1.2.2. A leitura da imagem como recurso de mediação.....	22
1.2.3. A estruturação da imagem e a mediação.....	23
2. CADERNO DE PROCESSO.....	25
2.1. “Arte por Correspondência”.....	25
2.2. “O que quero falar”.....	26
2.3. “Com que roupa eu vou”.....	27
2.4. “Tem que ser selado e carimbado se quiser voar” (1).....	28
2.5. “Tem que ser selado e carimbado se quiser voar” (2).....	30
2.6. “Onocotô? Proncovô?.....	30
2.7. “Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou”.....	31
2.8. “E este sou eu.....	32
2.9. “Fui eu... e foi assim”.....	32
3. RELATOS DE EXPERIÊNCIAS.....	34
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	45
GLOSSÁRIO.....	48

INTRODUÇÃO

A Arte constitui uma forma de manifestação e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece Arte amplia sua autonomia inclusive como cidadão. Uma vez inserido na vida cultural, poderá desfrutar das criações artísticas e estéticas e neste aspecto, a escola, tem como papel, garantir desde cedo a educação em Arte para que essa vivência artística não fique reduzida apenas à experiência cotidiana informal.

No entanto, defrontamo-nos, muitas vezes, com uma escola burocrática e hierarquizada, na qual os alunos recebem informações incompletas e visões fragmentadas, reforçadas por um modelo “empresarial”, no qual o indivíduo apenas armazena estas informações impossibilitando sua atuação como sujeito crítico. Modelo este que desconsidera o momento de rápidas transformações em que vive a sociedade, com progressos científicos e avanços tecnológicos impensados anos atrás.

Outro ponto a ser ressaltado trata da abordagem dada à Arte nas escolas, muitas vezes, sendo utilizada na decoração de festas, na produção de presentes estereotipados ou apenas como livre expressão. Observa-se o despreparo dos professores, que sem formação específica e obrigados a trabalhar com esta área, distorcem ainda que sem saber, as propostas metodológicas. Porém, considerando que a Arte é uma das áreas do conhecimento humano, sabe-se que ela tem conteúdos próprios e substanciais.

Portanto, para que seja possível uma educação de qualidade neste componente curricular, a escola precisa garantir a condução do processo de ensino-aprendizagem com a orientação de professores preparados, que tenham compromisso e objetivos com este trabalho, empenhados na democratização dos saberes artísticos, que conduzam os alunos ao fazer e entender as diversas modalidades artísticas e sua história cultural.

Sendo assim, esta pesquisa busca identificar que métodos são capazes de instigar os educandos nas aulas de arte no que tange às questões referentes à reflexão, discussão e prática.

Este trabalho investiga métodos de mediação e os disponibiliza à arte-educadores, ativos em sala de aula como uma ferramenta a mais, instrumento capaz não somente de induzir a observar imagens, mas sim, pensar sobre elas, questionar o contexto, apontar diversas possibilidades, compreender e perceber as formas de expressão artística.

Diante do exposto, a presente monografia discute sobre a ênfase nas práticas de mediação como recurso metodológico de ensino nas aulas de Artes Visuais. Pretende-se com esta pesquisa identificar alguns métodos capazes de instigar os educandos nas aulas de Arte no que tange a questões referentes à reflexão, discussão e prática na abordagem de imagens, assim como de que maneiras obter êxito utilizando práticas de mediação. Serão abordados os conceitos e terminologias acerca do tema mediação sugeridos por Mirian Celeste Martins.

Outra reflexão que a pesquisa apresenta é sobre o conceito de problematização do conhecimento através da indagação como método de trabalho, tal como sugerido por Fernando Hernández.

Por meio da observação dos alunos e dos processos propõe-se a reflexão e compreensão de como ocorre o processo de auxílio aos educandos a refletirem sobre as obras de arte, através da problematização por meio de indagações e questionamentos permitindo que ocorra uma troca de informações e experiências entre o mediador e o educando, possibilitando uma aprendizagem significativa.

Um ensino que não busca apenas superar concepções tecnicistas e utilitaristas, mas também ir além do “deixar fazer” e da livre expressão, para reconhecer que a arte tem características próprias que devem ser conhecidas pelos educadores, que tem objetivos próprios e seus próprios métodos.

Este estudo está dividido em três capítulos. O primeiro consta de uma panorâmica sobre a Arte-educação e ainda uma revisão de literatura, na qual se realiza um breve histórico sobre o ensino da Arte no Brasil nos séculos XX e XXI; apresenta-se a Abordagem Triangular, uma metodologia para o ensino da Arte. Resume-se ainda, o que afirmam as Leis e os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCNs em vigor e ainda discorre-se sobre a Constituição e Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

No segundo capítulo discorre-se sobre um planejamento descrito de modo detalhado, que tem como tema A Arte Postal que se complementa por um glossário referente aos vocábulos que foram utilizados no decorrer das aulas.

E, no terceiro capítulo, desenvolve-se o tema central desta pesquisa, através de uma análise das práticas pedagógicas aplicadas pelo professor como mediador com o intuito de despertar no educando o olhar crítico e abrangente, ou seja, passando de um mero observador a um sujeito ativo e apreciador, dotado daquilo que denomino “o sensível olhar – pensante”.

ESTUDOS SOBRE A MEDIAÇÃO; O ENSINO DE ARTE E AS INTERAÇÕES ALUNO-PROFESSOR

1. A ARTE COMO IMPORTANTE TRABALHO EDUCATIVO

A vida humana, desde sua origem, se confunde com as manifestações artísticas. E é justamente através destas manifestações que temos os primeiros registros de vida inteligente sobre a terra. Um fazer artístico que reflete toda uma comunidade e não apenas uma trajetória.

Como afirma Ana Mae “uma sociedade só é desenvolvida, quando ela é artisticamente desenvolvida” (BARBOSA, 1989, p.2).

Portanto, podemos dizer que a arte é um fenômeno distintamente humano, e que por meio dela, damos sentidos e significados ao mundo que nos rodeia. Mundo este, que a princípio nos parece estranho e sem sentido, mas que aos poucos, ganha poder expressivo de representar ideias através de linguagens particulares, como o desenho, a literatura, o teatro, a música, a pintura, a arquitetura, a fotografia, dentre outras formas artísticas.

Diante do exposto, a arte precisa ser vista, não apenas como um instrumento no desenvolvimento do sujeito, mas principalmente como um componente fundamental de sua herança cultural, que tem como principal objetivo formar o conhecedor, fruidor e decodificador de uma imagem. Construindo ainda, uma identidade consciente, que é desenvolvida a partir do contato com múltiplas culturas e da aproximação de seus códigos culturais que são estabelecidos por meio do desenvolvimento artístico, da leitura da imagem ou obra de arte e sua história.

Por sua essência, arte é cognição, a realidade, o imaginário, e é ao mesmo tempo conteúdo. E como conteúdo, representa o melhor trabalho do ser humano, uma vez que exercita nossas habilidades de julgar e de formular significados que excedem nossa capacidade de dizer em palavras, não sendo apenas socialmente desejável, mas socialmente necessária.

Embora seja um produto da fantasia e da imaginação, não está separada da economia, política ou dos padrões sociais que operam em uma sociedade.

Considerando o que foi exposto, a arte precisa ser tratada como área de conhecimento, propondo ainda um ensino que inclua produção artística, história da arte, crítica e estética, ressaltando que parte do significado de qualquer obra de arte depende do entendimento de seu contexto.

Enfim, desenvolver técnica, crítica e criação, ou seja, as dimensões sociais, culturais, criativas, psicológicas, antropológicas e históricas do homem, significa aprender a linguagem da arte. Devendo a mesma ser vista como um fim em si, como um saber carregado de especificidades, objetivos e conteúdos próprios que seja fundamentado em uma concepção estética que vai além da própria disciplina escolar. Que a partir do fazer, se torna uma atividade estética, ao passo que proporciona um ensino criador, possibilitando uma integração entre a aprendizagem racional e estética, um trabalho proveniente de sua bagagem emocional que o ser humano produz, com relação ao seu lugar no mundo. Capaz de resgatar sua totalidade, sendo motivo de transformação do homem e conseqüentemente da sociedade. Um ser dotado de uma totalidade – de emoção e razão, de afetividade e cognição, de intuição e racionalidade – e de uma subjetividade, que não podem ser ignoradas no processo de ensino e aprendizagem da arte, levando o indivíduo a construir, experimentar, externar e refletir.

1.1. Breve histórico sobre a educação, o ensino de arte infantil e reflexões sobre a interação professor/aluno

Como embasamento da pesquisa apresentada sobre o ensino de arte, e para compreender historicamente a interação professor/aluno, traço um breve histórico de como a criança foi percebida pela educação e as práticas que derivaram desta percepção.

A criança, na Idade Média, era considerada um pequeno adulto, que desenvolvia as mesmas atividades dos mais velhos. Com o surgimento da burguesia, no século XVI, são percebidas duas atitudes contraditórias quanto à concepção de criança: uma a considera ingênua, inocente, sendo paparicada pelos adultos; enquanto a outra a considera imperfeita e incompleta sendo

necessário que o adulto a moralize passando a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura.

Por outro lado há avanços interessantes. Na visão de Jean-Jacques Rousseau, filósofo do século XVIII, a criança não poderia ser meramente considerada como um adulto em miniatura, mas um sujeito que vive em seu próprio mundo devendo ser compreendida pelo adulto. Com alguns movimentos de renovação pedagógica que caminhavam em direção aos denominados “movimentos das escolas novas”, já em meados do século XX, pode-se observar algumas sensíveis mudanças. Uma educação infantil que até então era extremamente formalista, pois se baseava nos estudos tradicionais de livros e textos, começava a se despertar para os interesses e necessidades das crianças.

Ainda no século XX, devido ao grande hiato existente entre ricos e pobres surgem as políticas compensatórias e assistencialistas para suprir as deficiências de saúde, nutrição, educação e as do meio sócio cultural.

A partir da Constituição de 1988, a criança passa a ser percebida como sujeito de direitos com referência aos direitos específicos das crianças:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar comunitária. (BRASIL, 1988, p.137).

No tocante a educação infantil a mesma foi acentuada pela LDB Art. 29:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p. 9).

Em meados dos anos 80, surgem então novas proposições quanto ao ensino da arte, como a escola sócio-interacionista-constructivista, que percebe o educador como um facilitador da convivência, do compartilhamento de informações para a construção do conhecimento coletivo. Este movimento foi posteriormente chamado de escola constructivista, a qual integrava as contribuições da epistemologia genética de Piaget e da escola sócio-histórica de Vigotsky, ambas as concepções interacionistas acreditam que o conhecimento é construído nas relações com os objetos no mundo e com o

outro. Piaget estrutura as fases do desenvolvimento e seus leitores propõem que os professores planejem e dialoguem com a criança considerando estas fases. Já Vigotsky acredita que a aprendizagem é uma experiência social que deve acontecer dentro da chamada “zona de desenvolvimento proximal”, sendo esta a distância existente entre aquilo que o sujeito já sabe, e sua potencialidade para aprender, seu conhecimento potencial. As potências que precisam se desenvolver ou a zona de desenvolvimento proximal corresponde a aspectos nos quais a criança tem a necessidade do auxílio de outros para aprender. Desta forma, o professor deve mediar a aprendizagem utilizando estratégias que levem o aluno a tornar-se independente estimulando seu conhecimento potencial, criando uma nova zona de desenvolvimento proximal a todo momento.

Já no final da década de 80, as pesquisas sobre aquisição de conhecimento, como a Psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, orientaram o olhar dos educadores, agora denominados neopiagetianos. Ou seja, teóricos que tomam por base as teorias de Piaget, dando ênfase às habilidades cognitivas, como o processar e coordenar elementos que possibilitem a diferenciação de informações na determinação de subobjetivos para atingir uma meta, incluindo o conceito de mediação e interação na solução de problemas.

Apresentando novas referências a serem seguidas, surge então nos anos 90, a LDB (Lei 9394/96), uma política que torna favorável a posterior consolidação dos Parâmetros Curriculares Nacionais e uma grande mobilização em torno da formação contínua de professores. À partir daí, um fator determinante foi a observação quanto ao emprego de métodos de aprendizagem junto aos alunos e suas estratégias individuais nos contextos sócio-educativos, a variação de formas de assimilação de conhecimento, segundo os diferentes tipos de conteúdos. Ou seja, a utilização dos mais variados métodos de ensino a partir do contato com saberes de diferentes naturezas, conceitos, princípios, procedimentos, valores e atitudes que são articulados entre si nas situações de aprendizagem.

Diante disto, os currículos passam a enfatizar a questão da variedade de estratégias individuais que os alunos constroem para aprender e para

contemplar conteúdos no âmbito dos tipos de conteúdos, e as orientações didáticas passam a considerar os métodos de aprendizagem do educando. A didática passa a ser disciplina de fundamental importância nos projetos de formação contínua de professores, apresentando questões como organização do currículo por projetos de trabalho, avaliação como forma de aprendizagem, seleção de conteúdos para a educação (voltadas para a cidadania, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade), temas transversais da atualidade figurando nos conteúdos das áreas, propósitos didáticos e sociais nos projetos de trabalho, desdobramento de atividades nas unidades didáticas, atividades pontuais, introdução das novas mídias e tecnologias na escola, acesso a informações, relação entre competências e habilidades, transposição didática, ou seja, contextualização do conteúdo, relação entre conteúdos, aplicação de métodos em contextos educativos, resolução de problemas e situação-problema.

Foi eliminado ainda, em alguns Estados, a seriação nas escolas, e os ciclos de escolaridade foram disseminados, rompendo-se então com a tradicional divisão por séries, provocando uma desestabilização quanto à aprovação ou reprovação anual exigindo assim novos modos de avaliação.

Segundo afirma Libâneo:

Os conhecimentos sistematizados, as habilidades e os hábitos, as atitudes e convicções estão inter-relacionados como conteúdos de ensino, e sua assimilação pelo aluno é atrativa e pressupõe métodos e procedimentos didático-pedagógicos. (LIBÂNEO, 1994).

Novos conceitos passam então a conduzir a formação dos discursos políticos-pedagógicos. Ou seja, fica a cargo de cada escola e da Secretaria de Educação local a responsabilidade pela construção do currículo, não havendo definição de conteúdos mínimos para o País ou um currículo comum às comunidades, mas sim um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo País – Os Parâmetros Curriculares Nacionais - cuja adoção não é obrigatória, cabendo ao professor o papel de promover a aprendizagem, através do planejamento de suas ações e do articular entre a construção do projeto educativo-institucional e do projeto curricular.

O ensino da arte, hoje, é denominado construtivista, o que significa na prática, não excluir as orientações da escola tradicional e da escola renovada, mas sim apropriar-se destas orientações ao passo que as transforma.

1.2. O professor como mediador na construção de sujeitos autônomos

Como parte fundamental da construção do projeto educativo-institucional e do projeto curricular, torna-se então, de suma importância o papel que assume o professor para que o educando aprenda não só a fazer arte, mas também como apreciá-la ao longo da vida, sendo que o gosto por ela irá nascer através da qualidade da mediação que os mesmos realizam entre os aprendizes e a arte, considerando que esta ação envolve aspectos cognitivos e afetivos passando pela relação professor/aluno, aluno/aluno estendendo-se ainda a todos os tipos de relações que se articulam no ambiente escolar. Considerando assim, que a importância da arte e seu fazer artístico não está limitado ao simples papel recreativo, mas sim, na compreensão do mesmo como um instrumento pedagógico que viabiliza e contribui para a ampliação dos olhares dos educandos em relação ao mundo, assim como para a ampliação do seu potencial cognitivo e emocional. Fazendo com que, estas crianças se reconheçam como participantes e construtoras de suas próprias aprendizagens e saberes tão necessários à formação humana.

Quanto ao “o que fazer” ou “como fazer” dentro da sala de aula ou na escola está diretamente atrelado ao que foi exposto acima. Sendo que os/as educadores/as precisam acreditar não somente nas crianças, mas acreditar que elas são capazes de produzir, representar, criar e pensar sobre, mesmo diante das mais diversas dificuldades, seja de materiais como de recursos humanos. Enfim acreditar no potencial de cada um estimulando a autonomia na construção do conhecimento.

Sendo assim, o espaço da sala de aula deve ser um ambiente que propicie o desenvolvimento das habilidades do educando e a construção de seus conhecimentos, que são resultantes do trabalho do professor e dos

recursos que o auxiliam, como aparelhos multimídias, materiais didáticos, ou seja, livros, revistas, dentre outros.

Portanto, é necessário que o professor tenha muita sensibilidade e aguda observação sobre a qualidade do vínculo com o saber, de cada um de seus educandos nos atos de aprendizagem artística, uma vez que o mesmo deve aprender por curiosidade, e não por pressão externa, fazendo-se necessário, é claro, que se proponham conteúdos de ensino e estímulos para a construção de relações que se estabelecem a partir do encontro entre os conteúdos da aprendizagem, a própria cultura e a vida pessoal.

Segundo afirma Rosa Iavelberg:

Um professor que entra em sintonia com os modos de apreensão que cada estudante estabelece com o saber, está mais apto a instigar o aluno a atribuir significado à arte, resolver problemas no fazer artístico e propor questões diante de suas poéticas pessoais, desenvolvendo critérios de gosto e valor em relação as suas atividades artísticas e de seus pares e aos objetos de arte. (IAVELBERG, 2003, pg. 10).

Como afirma ainda Carl Rogers, em sua definição de empatia: capacidade de perceber a percepção do outro. Indo além, é percebermos a percepção do outro em processos de criação com a imagem, a partir da vivência destes processos, também por nós professores.

Quando o aluno fala, escreve sobre arte ou faz seus trabalhos artísticos, realiza atos de autoria, deixando ali sua marca pessoal e é o professor quem valida suas produções apontando qualidades ou orientações na recepção das produções individuais, valorizando e incentivando os esforços do aluno nos processos de construção de seus saberes, procedimentos ou atitudes e nas associações construídas a partir desses saberes. Valorizando-se ainda a variedade de estilos individuais, sendo esse um estímulo à participação diferenciada, ao enriquecimento dos repertórios individuais, a valorização da cooperação e o incentivo a ela. Ou seja, cabe ao professor nomear os processos, verbalizar as conquistas e suas realizações.

Outra questão para se destacar é a responsabilidade do professor em organizar as tarefas, propostas e conteúdos. Explicitar o “Para quê” e o “Porquê” das tarefas, conscientizando o aluno da necessidade e objetivos das propostas que executam e, ou mesmo, despertando o interesse por elas, uma vez que a autonomia e a participação dos alunos são reais quando eles têm

consciência da necessidade das propostas que executam criando um interesse por elas.

A apropriação de conteúdos de arte que dialoguem com o contexto, com a cultura, com o imaginário, com o repertório do aluno, com o ambiente de origem e do cotidiano também pode ser uma boa e motivadora escolha curricular, pois valoriza o universo cultural dos diversos grupos e dos indivíduos, incentiva a preservação das culturas criando em cada um a conscientização da própria cultura o respeito à dos outros, que constitui condição fundamental para a construção de uma relação não preconceituosa com a diversidade das culturas.

Outra escolha curricular deve ser o desenvolvimento de recortes ricos e estimulantes da aprendizagem. Para isso, se faz necessário ao professor, ser alguém mobilizado para a aprendizagem contínua numa busca constante por novas experimentações artísticas, cursos de formação teórica dentro de sua área de atuação, devendo ainda conhecer a natureza dos processos de criação dos artistas, propiciando ao aluno oportunidades de edificar ideias próprias sobre arte, que serão enriquecidas pelas informações mediadas por ele.

Quanto à utilização dos materiais, deve também o professor enfatizar o cuidado e a organização dos mesmos, seja como lavar bem um pincel, o cuidado com uma tesoura para tê-los em bom estado por mais tempo, pois cuidar dos instrumentos de trabalho e não desperdiçar material é cuidar de si mesmo e dos colegas, garantindo a possibilidade do fazer artístico na oficina de uso coletivo, sendo ainda essa a maneira pela qual o aluno participará de toda extensão do processo de criação. Lembrando ainda que, quanto mais opções de materiais forem disponibilizadas, mais interessantes e construtivas serão as aulas, como afirma Maria Heloísa Ferraz:

[...] “deve-se possibilitar aos alunos o maior número de contatos e descobertas. Se pretendemos que os estudantes encontrem suas expressões próprias, devemos ficar atentos para que o convívio com os materiais se faça de forma diversificada” (FERRAZ, 1999).

Cabe ao professor, ensinar conceitos e princípios, criar múltiplas oportunidades de interação dos educandos com os conteúdos dados, variando as formas de apresentá-los utilizando meios discursivos, narrativas, imagens, filmes, música, dança, teatro, meios eletrônicos, textos. Podendo e devendo

colocar os fatos em conexão com redes de conteúdos já aprendidos, conceitos, procedimentos, valores e outros, pois, na aprendizagem, diferentes tipos de conteúdos estão associados em redes de significação, como constata alguns estudos de Piaget:

O crescimento intelectual não se realiza pela soma de conhecimentos, mas em grandes períodos de reestruturação e, muitas vezes, reestruturação das mesmas informações anteriores, que mudam de natureza ao entrarem em outro sistema de relações. (PIAGET, 2001).

Portanto, o processo de mediação precisa ser visto como uma teia de conceitos, práticas e metodologias que se relacionam entre si. Um importante trabalho educativo que não tem como preocupação única, a formação de artistas, mas sim possibilitar uma aprendizagem consciente e informada, procurando através das tendências individuais, encaminhar a formação do gosto, estimular a inteligência e contribuir para a formação da personalidade do indivíduo.

Vale ressaltar ainda, que despertar o olhar pensante dependerá também de quão instigantes forem as indagações apresentadas acerca das imagens, caracterizando assim um processo de mediação significativo e eficaz. Pois as mesmas, só serão úteis a essa metodologia se puderem problematizar o contexto e demais conceitos apresentados pelas obras, socializar e mediar o diálogo que provem das respostas como uma maneira de construir o conhecimento coletivo, auxiliar os educandos no sentido de se apropriarem de determinados conceitos e fazer uso dos mesmos de forma coerente. A mediação desta forma contribui na construção da consciência dos sujeitos, ou seja, sua autonomia.

1.2.1 A educação do olhar como recurso de mediação

Repensando sobre os possíveis instrumentos metodológicos de ensino-aprendizagem para a construção do conhecimento e de uma consciência, no livro *Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos* / as autoras enfatizam a importância de aprendermos a desenvolver um olhar observador,

reflexivo e crítico que visa a qualidade e o aprimoramento da prática dos educadores escolares.

No referido livro Mirian Celeste Martins e Madalena Freire Weffort discorrem sobre a educação e o desenvolvimento do modo de olhar e observar as coisas e o quanto significativo isso pode ser no processo de ensino-aprendizagem da arte e sua de fruição. Mirian Celeste Martins discorre ainda sobre o significado do termo “o sensível olhar pensante”.

Educador ensina a pensar, pensando. Educador ensina a olhar, olhando. Mas, não é um “ver qualquer”, superficial, rápido, não implicado com o conhecimento. Educador ensina o sensível olhar – pensante. Olhar sensível, e que é, portanto, afetivo. Olhar que pensa, reflete, interpreta, avalia. Olhar – pensante é percepção cognoscitiva. Percepção que vai além dos dados sensoriais. O olhar pensa, é visão feita interrogação, diz Cardoso. Olhar – pensante curioso diante do mundo, que transcende as aparências e procura o que está por trás. (MARTINS, 1996, p. 21).

Ainda segundo Martins:

O olhar – pensante procura formas de olhar. Procura no próprio objeto a forma de compreendê-lo. Percebe as diferenças no que já o conhece. E faz relações. Aprender a pensar, aprender a olhar – pensante não é somar conhecimentos já internalizados, apropriados, mas é estabelecer relações entre semelhanças e diferenças. (MARTINS, 1996, p. 21).

De encontro com o termo “o sensível olhar – pensante” Madalena Freire Weffort complementa explicando como deveria ocorrer a aprendizagem desse olhar afirmando que:

Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira. Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante (WEFFORT, 1996, p. 10).

Sendo assim, ao indagarmos nossos educandos com o intuito de que desenvolvam um sensível olhar – pensante sobre uma determinada obra ou imagem, devemos primeiramente ensiná-los a observar atenta e cuidadosamente a obra de arte. Despertá-los para os detalhes, instigando-os a pensar de forma diferente daquela que naturalmente o fariam, auxiliando-os a percorrer um caminho de observação tendo como consequência a educação do olhar para longe dos estereótipos, e o ver e o escutar das opiniões alheias participam do processo de construção desse olhar, como afirma a própria autora.

Concluindo, fica o mediador compreendido como alguém que instiga a novas formas de olhar, olhar com mais atenção, prestar atenção nas sensações, como alguém que oportuniza que seus educandos “exercitem a capacidade de ver e pensar”.

1.2.2. A leitura da imagem como recurso de mediação

Considerando que neste mundo moderno, estamos cercados por imagens de toda ordem, seja nos muros, nos cartazes, nas paredes, nos outdoors, enfim, por toda parte, é fato que dialogamos com o mundo por intermédio das imagens. E para compreendermos esse mundo imagético, a construção e compreensão do mundo da cultura, considerando que as mesmas não estão alheias aos fatos e acontecimentos, uma vez que revela lugares, costumes, tempos, enfim se comunica, é fundamental que se aprenda a ler imagens.

Assim afirma sobre leitura de imagem abordado, Analice Dutra Pillar:

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua forma de apreensão e de apropriação do mundo. (PILLAR, 1999, p. 13).

Sendo assim, a leitura de imagem enquanto um conteúdo escolar já estabelecido é uma das maneiras de proporcionar o desenvolvimento estético do aluno. O trabalho desenvolvido com imagens em sala de aula possibilita ao estudante compreender e construir o conhecimento acerca das questões abordadas pela arte. A visualização de imagens produzidas em diferentes períodos artísticos auxilia não somente a construção e desenvolvimento das potencialidades artísticas dos aprendizes como também possibilitam ao estudante conhecimento histórico a respeito do período em que determinada obra foi produzida.

Outro fator de fundamental importância neste processo pode ser o diálogo que possibilitará a socialização e troca de opiniões e experiências estéticas dos

sujeitos que observam determinada obra de arte ou uma imagem. Levando em consideração ainda, para este diálogo a bagagem cultural e social que cada um carrega possibilitando o debate, a transformação de conceitos e até pré-conceitos.

Segundo afirma Maria Isabel Leite:

É no diálogo com o outro e com a cultura que cada um é constituído, desconstruído, reconstruído, cotidianamente. O acesso aos bens culturais é um meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade. (LEITE, 2005, p. 23).

1.2.3. A estruturação da imagem e a mediação

Através dos elementos da linguagem visual, por meio das mais diferentes áreas, como Pintura, Desenho, Colagem as Artes Visuais expressam e atribuem sentido a sensações, pensamentos, sentimentos, retratando a realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, além de volume, espaço, cor e luz, tanto no campo bidimensional como no tridimensional. Sendo ainda, o movimento, o equilíbrio, o ritmo, a harmonia, o contraste, a continuidade, a proximidade e a semelhança atributos da criação artística.

No entanto, ainda se percebe por parte de alguns arte-educadores, certa resistência no que diz respeito à utilização e reinterpretações de obras de artistas pelos educandos, pelo fato de acreditarem que estão sendo impostas a eles restrições ao processo criativo. Diante disto Rosa Iavelberg ressalta quatro pontos distintos:

- Uma vez que o próprio artista utiliza imagens de outros artistas, não nos reserva então o direito de sonegar estas imagens às crianças.
- Ao prepararmos estas crianças para a leitura de imagens produzidas por artistas, estarão sendo preparadas para lerem imagens que as cercam em seu meio ambiente.
- Que a percepção pura da criança sem influência de imagens não existe realmente, uma vez que já foi provado que 82% de nosso conhecimento informal vêm através de imagens.
- Que a mimese no aprendizado artístico, está presente como busca de semelhança (sentido grego) e não como cópia (sentido romano). (IAVELBERG, 2003, p. 125).

Segundo a autora, pode-se constatar que a partir da escolha de uma obra para ser reinterpretada por 10 crianças, a autoexpressão de cada uma em sua diversidade demonstrou que o processo criativo não foi de modo algum inibido.

Também vale ressaltar que, ao observar a obra que será reinterpretada não se deve apenas ver o superficial, mas sim, ir além da representação gráfica, compreendendo seus processos, captando as emoções transmitidas em cada detalhe. Cabendo ainda ao professor trazer questões dos processos de criação e procedimentos técnicos utilizados pelo artista. Devendo estimular a leitura de obras, em seus possíveis significados implícitos, estabelecer relações, conexões entre artistas, períodos, obras e contextos. O educando se transformará assim, de um mero reproduzidor de aparências a um criador de imagens, dotado daquilo que denomino olhar pensante, que não crê que existam respostas e conclusões certas ou erradas, uma vez que ele acaba por encontrar novas formas de olhar que nem sempre estarão registradas nos livros de história e crítica de arte. Fazendo com que vivencie uma experiência estética singular que pertencerá somente a ele, fazendo sentido em seu contexto de modo particular.

2- CADERNO DE PROCESSO

Este capítulo tem por objetivo apresentar um planejamento de aulas descrito de modo detalhado, tendo como tema A Arte Postal complementado por um glossário referente aos vocábulos que serão utilizados no decorrer das aulas, que se encontra no final do volume.

Como recurso de mediação no processo de apreensão e compreensão foram elaborados e explorados títulos apropriados para o desenvolvimento de cada aula bem como o aluno como propositor de ações para um outro colega, atividades lúdicas e indagações como: “O que você percebe?”, “O que te parece?”, “Que sensações essas cores te transmitem?”, “E esses materiais que sensações te despertam?”, “Com o que podemos relacionar essa obra na nossa atualidade?” “Quais os elementos visuais identificados?”.

Como proposta inicial foi solicitado aos alunos que pesquisassem a respeito do tema Arte Postal. Considerando então as pesquisas realizadas é que passei a desenvolver o planejamento das aulas subsequentes.

2.1. “Arte por Correspondência”

Conteúdo Programático

- Apresentação teórica do movimento Arte Postal, seu contexto histórico, acompanhado da leitura de diferentes obras artísticas;
- Perceber os elementos visuais dos postais como: linha, forma, cor, textura, perspectiva, luz e sombra, planos, movimento, ritmo, composição.

Objetivos Específicos

- Ampliar os conhecimentos sobre História da Arte;
- Conhecer a arte postal como expressão artística;
- Desenvolver a leitura formal e simbólica por meio do contato com as imagens das obras, dos artistas e seus estilos, integrando-as ao processo educativo.

Procedimentos

- Fazer a distribuição junto aos alunos, de um texto previamente elaborado sobre Arte Postal, no qual deverá constar sua definição, contextualização e principais artistas participantes do movimento. Sugerir a consulta do endereço eletrônico <http://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/artes-arte-postal.htm>;
- Realizar a leitura e explanação sobre o mesmo instigando o diálogo;
- Apresentar por meio de um data show, imagens de obras e de artistas citados no texto , como Ray Johnson, Paulo Brusck, Regina Silveira e Júlio Plaza;
- Desenvolver junto aos alunos a leitura formal e também subjetiva das imagens apresentadas.

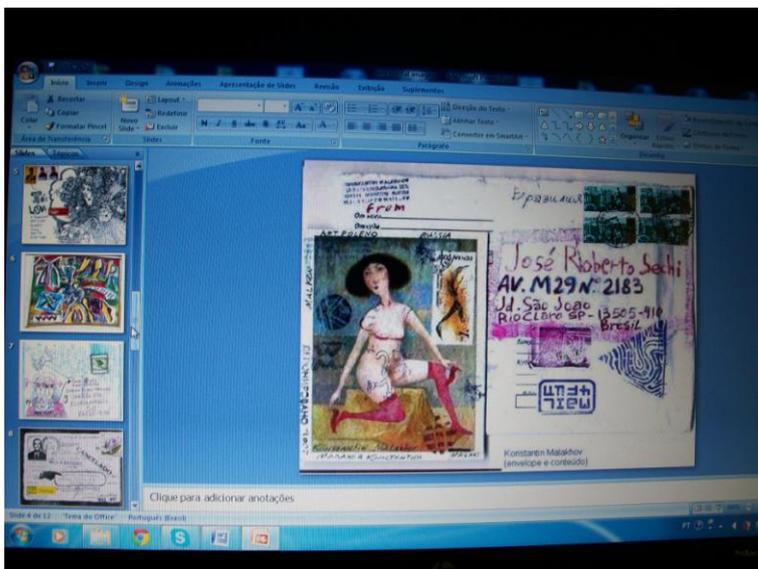


FIGURA 1- Apresentando a Arte Postal em Power-point
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

2.2. “O que quero falar?”

Conteúdo Programático

- Forma, cor, composição;
- Colagem, desenho, pintura.

Objetivos específicos

- Ampliar o conhecimento sobre a realidade pessoal e cultural;
- Associar a história pessoal com a história universal;
- Desenvolver a percepção para com os elementos constituintes de uma composição artística;
- Estimular a criatividade e proporcionar a conscientização sobre o próprio estilo e expressão;
- Instigar a autonomia e desenvolver a noção espacial;
- Realizar uma composição a partir de procedimentos de colagem, desenho ou pintura.

Procedimentos

- Disponibilizar aos alunos um suporte de papel cartolina, previamente cortado no tamanho 10x15cm e outros materiais como lápis de cor, giz de cera, canetinha, tinta, gliter, adesivos, recortes de revistas e jornais, dentre outros;
 - Individualmente, os alunos devem fazer a confecção parcial de um cartão postal, considerando que essa criação artística deverá ser concluída somente pelo destinatário que será definido nas próximas aulas;
- Quanto às técnicas, fica a escolha do aluno utilizar a pintura, a escrita, a colagem, o desenho.

Observação: Para a confecção do cartão, sugere-se um tamanho padrão, mas dando a todos a liberdade para escolher, ressaltando apenas o fato de que o valor de envio é calculado de acordo com o peso de cada correspondência, tendo em vista o pouco ou quase nenhum contato com este modo de envio vivenciado anteriormente pelos alunos.

2.3. “Com que roupa eu vou?”

Conteúdo Programático

- Formas, cortes e dobras.

Objetivo específico

A partir de um modelo como sugestão, desenvolver junto aos alunos a confecção de um envelope.

- Desenvolver a percepção visual, a coordenação motora e o raciocínio lógico.

Procedimentos

- Entregar para cada aluno uma folha branca, tamanho A4;
- De posse de um modelo, como sugestão, desenvolver junto aos mesmos o passo-a-passo de forma que todos possam confeccionar seu próprio envelope.

Observação: Quanto à confecção do envelope, foi oferecido um material adequado e apresentado um modelo como sugestão de modo que cada um poderia construir o seu, tendo ainda a liberdade para realizar modificações caso desejassem.

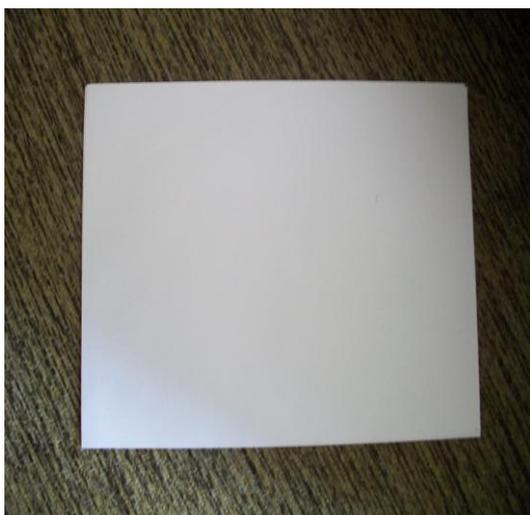


FIGURA 2 – Confecção do Cartão Postal
Fonte: Elabora pela autora, 2013.

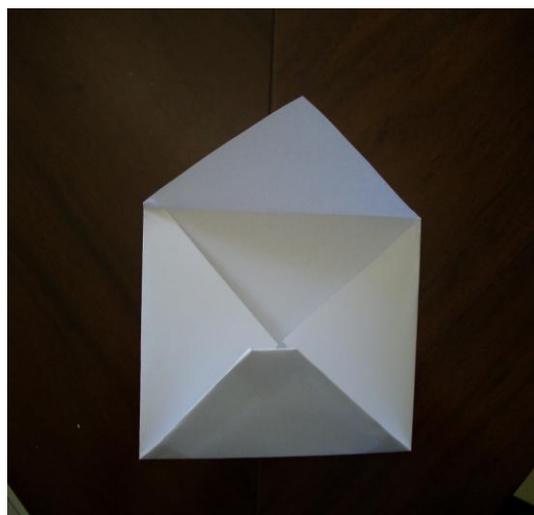


FIGURA 3 – Confecção Envelope
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

2.4. “Tem que ser selado e carimbado se quiser voar” (1)

Conteúdo Programático

- Desenho, pinturas e colagens em pequenos formatos.

Objetivos específicos

- Confeccionar selos;
- Despertar a percepção quanto à utilização dos elementos visuais na composição artística de cada selo;
- Instigar a criatividade;
- Promover a autonomia;
- Possibilitar a construção de um repertório individual de selos.

Procedimentos

- Apresentar imagens de selos ressaltando os elementos visuais que constituem a imagem, sua utilização e contexto histórico;
- Entregar para cada aluno um recorte de papel tamanho 5x5 cm, para a confecção dos selos;
- Individualmente, os alunos devem confeccionar no mínimo dez selos, tendo como sugestões imagens apresentadas em data show;
- Os demais materiais ficam a escolha de cada um, como lápis de cor, giz de cera, caneta hidrocor, tinta, glitter, adesivos, recortes de revistas e jornais, colagens, pintura, escrita, dentre outros.



FIGURA 4 – Confeção do Selo
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

2.5. “Tem que ser selado e carimbado se quiser voar” (2)

Conteúdo Programático

- Orientação sobre estruturação da imagem pelas formas;
- Técnica de impressão: carimbo

Objetivos

- Estimular a percepção visual;
- Instigar a criatividade;
- Promover a autonomia;
- Estruturar uma imagem pelas formas;
- Familiarizar-se com uma técnica de impressão.

Procedimentos

- Confecção de carimbos.

Para o desenvolvimento dos carimbos, solicitar previamente aos alunos a coleta de tampinhas de vários tamanhos e formatos sendo o E.V.A. fornecido pela escola. Orientar os alunos quanto à qualidade de uma imagem estruturada pelas formas, a confecção do carimbo, à escolha de cada um, em pedaços de E.V.A.

2.6. Oncotô? Proncovô?

Conteúdo Programático

- Apresentar o modo de se preencher corretamente os dados para o envio de uma correspondência;
- Preencher o envelope com os dados do remetente e destinatário.

Objetivos

- Promover o conhecimento a partir do próprio contexto de cada aluno;
- Proporcionar a inserção das imagens no campo social.

Procedimentos

- A partir de um formulário previamente elaborado, cada aluno deverá fazer o preenchimento com seus dados pessoais, como nome completo, endereço, CEP;
- Feito o preenchimento de todos os dados solicitados no formulário, por cada aluno, realiza-se um sorteio para a definição do destinatário;
- Fazer junto aos alunos o preenchimento dos remetentes e destinatários nos locais apropriados;
- Cada aluno deve fechar sua correspondência e entregá-la ao professor que deverá postá-la junto a uma agência do correio.



FIGURA 5 – Preenchimento de Dados para o envio
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

2.7. Quando o carteiro chegou e o meu nome gritou...

Conteúdo Programático

- Estudos de composição, através de intervenções em imagens já iniciadas,
- Construção de um texto descritivo.

Objetivos

- Promover um processo de construção coletiva;
- Promover uma rede de significações a partir de si mesmo e do outro;
- Instigar a criatividade;

- Promover a autonomia;
- Estruturar uma imagem a partir de interferências em uma composição prévia;

Procedimentos

-Cada aluno, de posse da correspondência recebida, deve concluir a criação artística iniciada pelo remetente e criar um texto (autorretrato descritivo) que deve ser encaminhado pelo professor ao primeiro remetente, dentro de outro envelope confeccionado, selado e carimbado pelo aluno.

2.8. E este sou eu...

Conteúdo Programático

- Estudo de composição de um retrato a partir de um texto descritivo.

Objetivos

- Instigar a criatividade;
- Promover a autonomia;
- Desenhar tendo como orientação um texto descritivo;
- Promover uma rede de significações a partir de si mesmo e do outro.

Procedimentos

Realizar um retrato tendo por base o texto (autorretrato descritivo) recebido.

2.9. Fui eu... e foi assim...

Conteúdo Programático

- Encontro dos alunos para a troca das correspondências confeccionadas a partir do texto (autorretrato descritivo);
- Construção de um mural expositivo.

Objetivos

- Promover o processo de construção coletiva;
- Promover uma rede de significações a partir de si mesmo e do outro;
- Possibilitar a interação com o objeto.

Procedimentos

Realizar as trocas, a partir de um encontro articulado, permitindo que cada aluno possa conhecer melhor o seu remetente/destinatário. Como fechamento do processo desenvolvido, organizar um mural expositivo aberto a toda a comunidade escolar.



FIGURA 6 – Recebimento do texto (autorretrato descritivo)
Fonte: Elaborada pela autora

3 – RELATOS DE EXPERIÊNCIAS

Ao longo das aulas foram realizadas anotações sobre os processos de mediação utilizados atentando para a receptividade dos alunos. Este capítulo é fundamental pelas observações em sala de aula durante atividades desenvolvidas a partir do tema Arte Postal, com adolescentes de 13 anos de idade, correspondendo ao 8º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal Antônio Tereza dos Santos, Betim.

Como questão fundamental, buscou-se o acolhimento da curiosidade, dos anseios, dúvidas, imaginação, criatividade e autonomia dos alunos no desenvolver das atividades dando abertura com o desprovimento de qualquer preconceito, de modo que o diálogo fosse construído. Foram utilizadas informações nos momentos apropriados para complementar o diálogo do grupo buscando também a flexibilidade na abordagem.

Sendo assim, como ponto de partida para a proposta de trabalho, foi apresentado aos alunos o tema Arte Postal, movimento artístico que foi pesquisado pelos mesmos, juntamente com os artistas participantes e suas respectivas obras.

A partir das pesquisas desenvolvidas pelos alunos, o assunto foi abordado em sala de aula, fazendo com que os mesmos fossem estimulados a pensar sobre o que estavam vendo, ouvindo, bem como incentivados a criar associações, contextualizar, socializar e descobrir respostas para suas indagações através de seus próprios esforços. O conteúdo exposto foi colocado numa realidade próxima a do aluno, de forma que relações pudessem ser estabelecidas com elementos do cotidiano. Incentivou-se também a percepção e a valorização do ponto de vista do aluno.

Para o processo de apreensão e compreensão foram desenvolvidas ainda, atividades lúdicas e indagações como: “O que você percebe?”, “O que te parece?”, “Que sensações essas cores te transmitem?”, “E esses materiais que sensações te despertam?”, “Com o que podemos relacionar essa obra na nossa atualidade?” “Quais os elementos visuais identificados?”.

Para um segundo momento foi proposto aos alunos vivenciar uma experiência em arte postal. A partir dos contatos previamente realizados no

decorrer das aulas tendo como ponto de partida suas próprias pesquisas, imagens apresentadas em sala de aula através da data-show e de seus próprios rascunhos, desenvolveram seus cartões postais, envelopes, selos, carimbos. Após a confecção, foram encaminhados - via correio, a um aluno de outra turma, pré-escolhido à partir dos endereços previamente coletados e sorteados entre os mesmos.

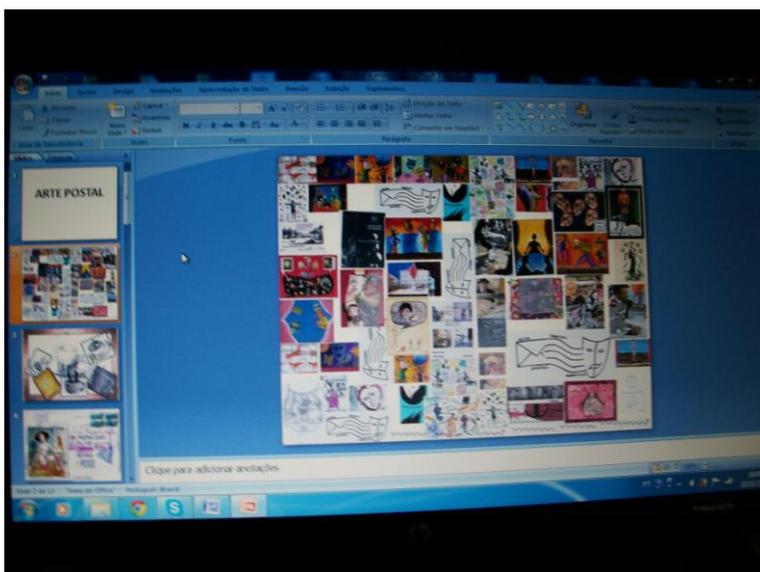


FIGURA 7- Conhecendo a Arte Postal
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Diante da diversidade de materiais oferecidos pôde-se perceber uma grande diversidade de técnicas escolhidas pelos alunos, desde desenhos, colagens, mensagens escritas, dentre outras, o que facilitou para um maior envolvimento e entusiasmo dos mesmos, diante da liberdade de escolha.

Quanto à confecção do envelope, foi oferecido um material adequado e apresentado um modelo como sugestão, realizado junto aos alunos o passo-a-passo, de forma que cada um pôde construir o seu, tendo ainda a liberdade para modificações caso desejassem.

De modo geral, pude perceber uma grande dificuldade no manuseio da régua que se fez necessária para a realização das medidas antes das dobraduras. Diante disso, foi necessário que o passo-a-passo fosse repetido por várias vezes, de modo coletivo, e até mesmo individualmente.



FIGURA 8 – Aluno confeccionando o Envelope
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Para o desenvolvimento dos carimbos, foi realizada a orientação junto aos alunos quanto à qualidade de uma imagem estruturada pelas formas, para que a realização do carimbo, construído à escolha de cada um, em pedaços de E.V.A, obtivesse um resultado satisfatório.

Embora as orientações tenham sido repassadas aos alunos, quanto à estruturação das formas para a confecção de um carimbo, e o seu modo de construção, devido à falta de uma sala apropriada, foi restringida a aplicação desta aula em sala, de modo que os alunos que se interessaram desenvolveram seus carimbos em suas residências.

Para o envio dos cartões via correio, foi necessária a construção de uma lista com os dados de cada aluno, o que ocorreu na aula 6. Sendo assim, após o preenchimento de todos os dados dos participantes do processo, o sorteio foi realizado entre duas turmas participantes.

Dentre todos os dados coletados, a maior dificuldade encontrada pelos alunos foi quanto à localização do CEP referente ao seu endereço. Sendo que a grande maioria desconhecia até mesmo sua existência e aplicação, fazendo assim, com que o processo sofresse certo atraso. Ressalto ainda, a dificuldade no preenchimento dos dados, nos locais apropriados, como remetente e destinatário mesmo depois de dadas as orientações.

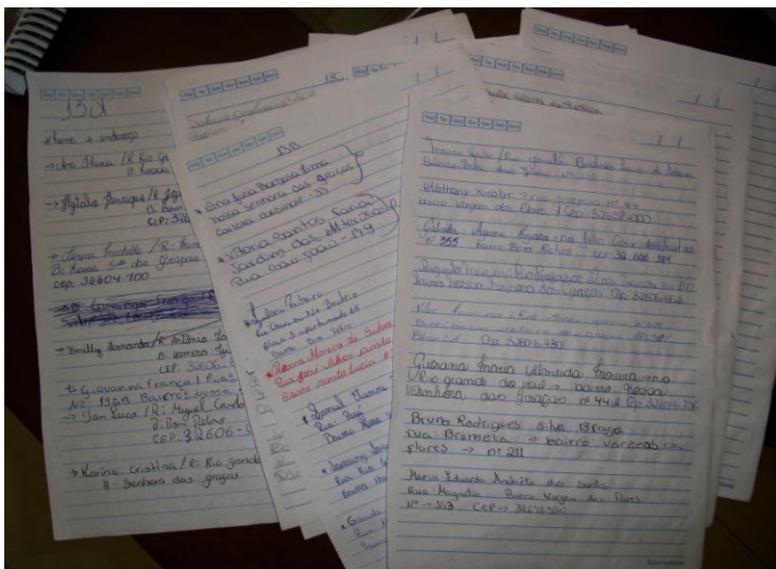


FIGURA 9 – Confeção da lista de dados
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.



FIGURA 10 – Aluno concluindo o trabalho artístico do remetente
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Várias reações foram percebidas nos alunos, ao receberem suas correspondências. Dentre elas, estranheza, surpresa, euforia, admiração, espanto, insatisfação, acanhamento.

Para a conclusão da atividade artística, desenvolvida no cartão recebido, muitos, a princípio, demonstraram acanhamento diante do desafio de dar continuidade, mas de modo geral, todos finalizaram sem maiores dificuldades. Junto ao postal concluído foi encaminhado um texto descritivo (autorretrato).

Para sua devolução, fiz a entrega pessoalmente aos alunos.

A confecção dos selos foi desenvolvida a partir de apresentações de imagens em data show e sua contextualização, sugestões de tamanhos e temas, ficando também a liberdade para novos experimentos. Para o desenvolvimento dos mesmos, foram oferecidos os materiais adequados, sendo que a sua utilização foi empregada para a proposta do autorretrato descritivo.

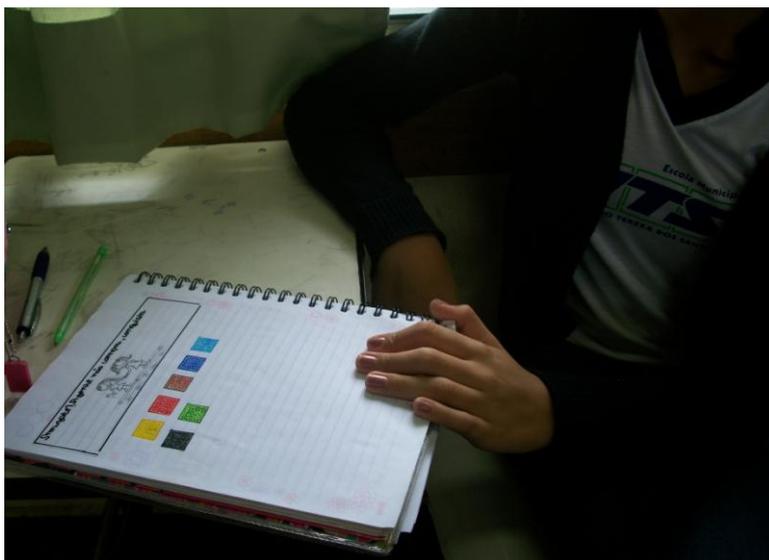


FIGURA11 – Aluno confeccionando selos
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Como contribuição para o enriquecimento da aula, foi disponibilizado por um aluno uma coleção de selos antigos, o que favoreceu muito, ampliando o repertório.



FIGURA 12 – Álbum de coleção de selos
 Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Como um último desdobramento, foi proposto aos alunos que fizessem um desenho a partir de um texto descritivo (autorretrato). Para o envio, utilizaram os mesmos elementos empregados na confecção do cartão postal. Para a entrega, foi articulado um encontro entre as turmas.

A proposta foi recebida por muitos como um grande desafio. Mas, cada um, a seu modo, procurou com certo esforço e dedicação, uma forma de realizá-la. Assim todos concluíram promovendo grande satisfação nos participantes envolvidos.

Participei do desenvolvimento da proposta do cartão postal apresentada aos alunos, direcionando meu trabalho artístico a uma aluna que esteve impossibilitada de frequentar as aulas, por motivo de enfermidade.

Para o levantamento de seu endereço, solicitei a alguns alunos que residiam próximo à mesma, para que o verificassem para mim. Ressalto ainda que, para a entrega do cartão me dirigi até sua residência, tendo em vista que, a mesma só retornará às aulas para o próximo ano.

Considerando o fato de a aluna estar impossibilitada de ir às aulas, foi com grande satisfação que me recebeu em sua casa, a partir de uma visita pré-agendada pelos colegas de sala. Tendo em vista a oportunidade de estar sendo integrada ao convívio escolar, demonstrou muita alegria ao sentir parte da comunidade escolar.

CONCLUSÃO

Foi evidente no decorrer da proposta e em seus desdobramentos, que a mediação para a leitura visual, se faz indispensável dentro de um projeto de ensino-aprendizagem em arte-educação e não é sem razão que em geral as imagens têm lugar de destaque nos planos de estudos da disciplina. Pois, é graças às atividades de mediação, observação, análise e leitura de imagem que se torna possível desenvolver uma abordagem tanto crítica quanto estética, capaz de tornarem ricas as experimentações e o fazer artístico dos aprendizes, bem como ajudam a construir o repertório do cidadão em formação. Repertório de conhecimentos, conceitos, imagens e experimentações que após serem internalizadas pelos educandos se somam e se relacionam a tantas outras. Neste ponto, a história e a bagagem de vida, que cada um carrega consigo, influenciarão na maneira como as relações entre os conhecimentos apreendidos e internalizados ocorrerá em cada sujeito.

O processo de mediação possibilita conhecer o contexto do artista, o autor de determinada obra, bem como estabelecer as relações entre o ontem e o hoje. Entre o contexto do artista e o contexto em que se encontra o aluno.

A leitura visual enquanto um conteúdo escolar já estabelecido é uma das maneiras de proporcionar o desenvolvimento estético do aluno. O trabalho desenvolvido com imagens em sala de aula possibilita ao estudante compreender e construir o conhecimento acerca das questões abordadas pela arte. A visualização de imagens produzidas em diferentes períodos artísticos auxilia não somente a construção do desenvolvimento das potencialidades artísticas dos aprendizes, como também possibilita ao estudante conhecimento histórico a respeito do período em que determinada obra foi produzida.



FIGURA13 – Aluno desenvolvendo sua criação artística
Fonte: Elaborada pela autora, 2013.

Diante do exposto, outro aspecto ainda percebido durante a pesquisa de campo foi a necessidade de flexibilidade na prática profissional, ou seja, adequou-se as mediações de acordo com o público. Lembrando sempre, durante a mediação, de considerar a bagagem que cada educando traz consigo. Pois, é preciso se ter conhecimento de quem é o público com o qual vamos trabalhar, sabendo que a mediação pode responder às expectativas e necessidades de determinado grupo.

Portanto, aos educadores e mediadores se faz necessário pensar, programar e pôr em prática ações para que o grupo de estudantes ou espectadores tenha como ponto de partida o próprio repertório de experiências e conhecimentos. Mas o mais importante é que estas ações tenham a capacidade de instruir, motivar e mobilizar estas pessoas no intuito de que sejam capazes e tenham subsídios intelectuais para modificar e transformar a própria realidade em que se inserem.

Deve ser considerado ainda em um processo de mediação que os desdobramentos que acontecem a partir do estudo são muito eficazes para concluir, amarrar, enlaçar todo o conhecimento apreendido, internalizado, apropriado, fruído. Ou seja, o educador deve ir além de apenas dar as respostas corretas, ele deve instigar e ensinar seus educandos a fazer boas perguntas sobre o que se vê, e mais, deve instigá-los a refletir sobre seus

próprios questionamentos, lembrando que um dos principais objetivos da arte-educação atualmente é a de proporcionar aos nossos aprendizes o aprimoramento da percepção, a reflexão crítica e atuante acerca das questões abordadas pelas Artes, auxiliando com isto na formação de um cidadão plenamente desenvolvido em suas habilidades e potencialidades, crítico e atuante dentro de seu contexto social, lembrando que o educador é interlocutor, atuando como uma espécie de ponte de acesso e trânsito entre imagem/ arte e educando, sendo ainda um facilitador de contatos que auxilia os educandos a refletir e olhar/ observar as imagens de forma atenta e minuciosa, desenvolvendo assim o olhar pensante. Fato este, pode ser percebido através da experiência com a arte postal, que apresentou ao aluno uma nova rede de comunicação e troca.

É necessário considerar ainda, que o processo de mediação parte da importância de possibilitar a problematização do conhecimento da arte / imagem, e isso se consegue por meio das indagações e questionamentos como método de trabalho. Essas indagações, assim como foram utilizadas no decorrer das aulas a partir dos títulos apresentados de modo lúdico, devem ter como base a bagagem cultural, o contexto e o conhecimento que os indivíduos possuem, sendo que as indagações e a socialização das respostas e das opiniões possibilitaram a construção do diálogo de mediação promovendo o processo de construção coletiva, que permite a apropriação de ideias e a construção interna do próprio conceito de determinada obra, ampliando assim o repertório de cada indivíduo, sendo esta uma prática mais eficaz e prazerosa para o estudo e leitura de imagem.

Mais prazerosa porque a partir do momento em que o diálogo entra no processo como um facilitador, a leitura da imagem passa a ser prática, com interação, entrosamento e troca de informações entre educando/ educador, atendendo assim as exigências da epistemologia interacionista que defende ser a origem do conhecimento a partir da interação com o objeto.

Tal como Mirian Celeste Martins afirma no livro *A Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte* uma boa mediação contribui de forma que:

É como se cada pessoa fosse gerando um “repertório” individual, um conjunto de valores, conceitos, ideias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. Nessa rede, mesmo sem se

dar conta, estão os fios da filosofia, ética, estética, ideologia, política e cultura presentes na pessoa e no grupo ao qual pertence (MARTINS, 1998, p. 21).

A intenção do educador não é de auxiliar os educandos a obter o conhecimento, ou tomar consciência de que determinado conceito existe, mas sim contribuir para que cada indivíduo construa seu próprio repertório de conceitos, conhecimentos e experiências. Considerando-se principalmente que o educador mediador não é o detentor do conhecimento, nem mesmo dos conceitos definidos. O educador não passa conhecimento aos educandos, ele auxilia os mesmos a construírem este conhecimento.

Buscou-se através desta pesquisa sugestões para auxiliar o trabalho do arte-educador, propondo maneiras de qualificar o ensino de Arte na escola por meio de indagações instigantes, trocas de informações, construção de conhecimento coletivo e individual, por meio de práticas, compreendendo a arte-educação como um campo amplo, que extrapola os limites da sala de aula.

Outro fator importante é o de proporcionar encontros e atividades qualificadas que despertem a capacidade de reflexão e crítica dos sujeitos em formação. Pois, embora a Arte possua potencialidade para tal tarefa, se não houver um mediador atuando como um vinculador, talvez o encontro e diálogo entre obra – estudante torne-se um pouco mais complexo, ou quase inexistente.

Então, com base na pesquisa e experiência como arte educadora este projeto apresenta ao professor o conceito de educador mediador, tendo em vista que este profissional tem seu campo de atuação com enfoque tanto em âmbito cultural quanto educacional.

O educador como mediador não é indispensável, as obras quando bem expostas e questionadas auxiliam no processo de construção e aprimoramento do intelecto dos indivíduos.

A monografia do projeto *Construindo um olhar pensante através da mediação em artes visuais*, com a certeza de que muito ainda precisa ser feito dentro da pesquisa verifica-se que os objetivos propostos e analisados no decorrer da mesma foram comprovados e alcançados, constatando-se a Arte como fator de suma importância no processo de exploração e desenvolvimento

do conhecimento e expressões do indivíduo. Possibilitando a propagação das capacidades individuais e proporcionando a construção da autonomia dos educandos.

Dessa forma, o ambiente escolar deve oferecer ações educativas transcendentais ao simples ato de processar informações, proporcionando assim, situações que possibilitem uma aprendizagem significativa.

Recomenda-se ainda que o profissional busque se qualificar para atuar de forma eficaz no processo de ensino-aprendizagem através de uma formação que lhe habilite a trabalhar com a arte.

REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos. *Como elaborar projetos? Guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais*. 5. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2004. 96 p.

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2002. 317 p.

AZEVEDO, Fernando G. *Arte e inclusão: construindo uma pedagogia crítica*. In: XIV CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 14., 2003, Goiânia-GO. Anais... Goiânia: Universidade Federal de Goiânia-GO, 2003. p.132-134.

BARBOSA, A. M. *Recorte e colagem*. 2. ed. São Paulo:Cortez, 1989.136p.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte*. 2. ed. São Paulo:Perspectiva, 1996.134p.

BARBOSA, A. M. (Org.) *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2003. 184p.

BOSI, A. *Reflexões sobre a Arte*. São Paulo: Ática, 2003. 80p.

BRANSÃO, Marcelo. *Sítios arqueológicos*. Belo Horizonte: [s.n.]*, 2006. 10 p. Catálogo de exposição, agosto 2006. Agnus Dei Galeria de Arte.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Obra coletiva de autoria da Editora Saraiva com a colaboração de Antonio Luiz de Toledo Pinto, Márcia Cristina Vaz dos Santos Windt e Livia Céspedes. 32. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

BRASIL. Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõem sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

CAVA. Laura Célia Sant"Ana Cabral. *Ensino das artes nos anos iniciais*.São Paulo. Pearson Education, 2009. pg 82 à 84.

COELHO, J. G.; BROENS. *Fruir e Conhecer Arte*. São Paulo: FTD, 1998. 197p.

DUARTE JUNIOR, J. F. *Fundamentos Estéticos da Educação*. Campinas: Papirus, 1988.150p.

FABRIS, Anateresa. *Pesquisa em artes visuais*. Revista Porto Arte, Porto Alegre, v. 2, n.4, p. 12-19, nov. 1991.

FERREIRA, Sueli (Org) *O Ensino das Artes: Construindo Caminhos*. Campinas: Papirus, 2001, 224p.

FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para a compreensão da arte*: Museu Victor Meirelles. Florianópolis: Insular, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. Fernando *Hernández e a indagação como método de trabalho*. Porto Alegre: 2002. Revista A paixão de aprender, Porto Alegre, n. 15, p. 6-14, dez. 2002. Entrevista concedida a Cláudia Regina da Silva.

HERNÁNDEZ, Fernando. IR ALÉM DA VISÃO E DA SATISFAÇÃO, a educação para a compreensão crítica da cultura visual: A importância das boas perguntas,... para facilitar atos de compreensão. Barcelona: Universidade de Barcelona, novembro de 2002. (Texto cedido pela Fundação Bienal de Artes Visuais do MERCOSUL para o Curso de Formação de Mediadores da 4ª Bienal do MERCOSUL em 2003).

IABELBERG, Rosa. *Para gostar de aprender arte*. Porto Alegre: Artmed, 2003, 125p.

LEITE, Maria Isabel. *Museus de arte: espaços de educação e cultura*. In: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeralda (orgs.). *Museu, educação e cultura: Encontros de crianças e professores com a arte*. São Paulo: Papyrus, 2005. p 19-54.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G.; GUERRA, M. T. T. *Didática do Ensino da Arte: A Língua do mundo – Poetizar*,

MARTINS, Mirian Celeste. *O Sensível Olhar – Pensante*. In: Observação, registro e reflexão: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. Petrópolis: Vozes, 1987.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte / Secretaria da Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 130p., M. C.; LEMES, S. S. (Orgs.) *Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação – Metodologia de Pesquisa Científica e Educacional*. São Paulo: UNESP, 2004. 192p.

PILLAR, Analice Dutra. *Leitura e releitura*. In: PILLAR, Analice Dutra (org.). *A educação do olhar no ensino das artes*. Porto Alegre: Mediação, 1999, p. 9-22.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *A compreensão das imagens na arte*. In: *Arte & Educação em revista*. Porto Alegre, n. 1, outubro de 1995.

ROSSI, Maria Helena Wagner. *Imagens que falam*. In: *leitura da arte na escola*. Porto Alegre: Mediação, 2003. 144p.

THIOLLENT, Michael. *Metodologia da Pesquisa – Ação*. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 377p.

WEFFORT, Madalena Freire. Educando o olhar da observação: Aprendizagem do olhar. In: Observação, registro, reflexão: Instrumentos Metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GLOSSÁRIO

Abstrato – Diz-se da arte ou do artista que se abstém de representar a realidade sensível. Expressão do mundo interior, o mundo dos sentidos, bem como relações concretas usando como referência apenas os recursos da própria pintura, como a cor, as linhas e a superfície bidimensional da tela.

Arte Postal – É uma arte que utiliza o correio como suporte e veículo para a disseminação de um conteúdo artístico. O termo pode ainda se referir a uma mensagem individual, o meio pelo qual ela é enviada, ou a um gênero artístico.

Bidimensional – Que tem duas dimensões, ou seja, altura e largura.

Colagem – É a composição feita a partir do uso de matérias de diversas texturas, ou não, sobrepostas ou colocadas lado a lado, na criação de um motivo ou imagem.

Arte Contemporânea – Estilos, escolas e movimentos artísticos surgidos mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, como ação de ruptura com a arte moderna.

Contextualização Histórica– Apresentar circunstâncias e contexto de fatos, ideias e comportamentos. Localizar uma obra no tempo histórico e no espaço, observando o tema, os significados, ou seja os contextos em que foi criada.

Contraste – A diferença nas propriedades visuais que faz com que um objeto seja distinguível de outros e do plano de fundo.

Desenho – O conjunto de linhas e pontos traçados sobre um plano formando uma imagem ou ilustração.

Estilo – Conjunto das qualidades de expressão característica de um setor ou de uma época na história da literatura, das belas-artes, da música.

Figurativo – Representativo, simbólico. Tipo de arte que se desenvolve principalmente na pintura pela representação de seres e objetos em suas formas reconhecíveis para aqueles que as olham.

Leitura Formal – Observar os elementos que compõem, estruturam a obra de Arte, ou seja, os elementos da linguagem visual, como a linha, a cor, o volume, dentre outros.

Pintura – Arte de pintar. Refere-se genericamente à técnica de aplicar pigmento em forma líquida a uma superfície, a fim de colori-la, atribuindo-lhe matizes, tons e texturas.

Repertório – Conjunto de obras interpretadas por um artista.

Subjetivo – Opinião pessoal de cada indivíduo a respeito de algo ou de alguém.

Técnica – O procedimento ou o conjunto de procedimentos que têm como objetivo obter um determinado resultado a partir da criatividade, dos conhecimentos técnicos e a capacidade de improvisação.

Tridimensional – O que tem três dimensões, ou seja, altura, largura e profundidade.